

QUANDO A LÍNGUA JÁ NÃO É UMA BARREIRA E AS IDENTIDADES SÃO POSICIONAMENTOS ESPAÇO- TEMPORAIS: UMA PERSPECTIVA ESCALAR DAS PRÁTICAS TRANSLÍNGUES

Diogo Oliveira do ESPÍRITO SANTO

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: Este artigo traz um recorte de reflexões desenvolvidas em um estudo netnográfico sobre práticas translíngues online. O foco é dado ao papel do conceito de escala na investigação de interações entre sujeitos multilíngues e a sua relação com a noção bakhtiniana de cronotopo. Através desse diálogo, o artigo faz uma discussão de práticas comunicativas negociadas em um *post* do *Facebook*, como uma maneira de ilustrar as possibilidades de análise que os conceitos de escala, cronotopo e práticas translíngues oferecem para os estudos sobre posicionamentos identitários em tempos de mobilidade. Por fim, ressalta a importância do desenvolvimento de ferramentas conceituais alternativas que respondam aos desafios de se estudar os cenários sociolinguísticos contemporâneos em uma multiplicidade de configurações espaço-temporais.

Palavras-Chave: Escala; Cronotopo; Identidade; Prática Translínque; Facebook.

WHEN LANGUAGE IS NOT A BARRIER AND IDENTITIES ARE SPACETIME POSITIONINGS: A SCALAR PERSPECTIVE ON TRANSLINGUAL PRACTICES

Abstract: *The scope of this article encompasses data gathered from a netnographic study on online translanguing practices. Focus is given to both the role played by the concept of scale in multilingual interaction research, and its relationship with the Bakhtinian notion of chronotope. Through this dialogue, the article discusses communicative practices negotiated in a Facebook post, as a way to illustrate the analytical possibilities offered by the concepts of scale, chronotope and translanguing practices to studies on identity positionings in times of mobility. Lastly, it stresses the importance of the development of alternative conceptual tools that account for the challenges of studying contemporary sociolinguistic scenarios in multiple spatiotemporal configurations.*

Keywords: *Scale; Chronotope; Identity; Translanguing Practice; Facebook.*

CUANDO LA LENGUA NO ES UNA BARRERA Y LAS IDENTIDADES SON POSICIONAMIENTOS ESPACIO- TEMPORALES: UNA PERSPECTIVA ESCALAR DE LAS PRÁCTICAS TRANSLINGÜES

Resumen: Este artículo trata de datos de una investigación netnográfica sobre prácticas translíngües online. Enfoca el rol del concepto de escala en estudios sobre multilingüismo y en su relación con la noción de cronotopo propuesta por Mikhail Bakhtin. A través de ese diálogo, el artículo discute prácticas comunicativas en Facebook como una manera de ilustrar las posibilidades de análisis que los conceptos de escala, cronotopo y prácticas translíngües ofrecen para los estudios sobre posicionamientos identitarios en tiempos de movilidad. Por último, destaca la importancia del desarrollo de herramientas conceptuales que den cuenta de estudiar los escenarios sociolingüísticos contemporáneos en múltiples configuraciones espacio-temporales.

Palabras-clave: Escala; Cronotopo; Identidad; Prácticas Translíngües; Facebook.

1. INTRODUÇÃO

“D”, um bangladeshiano de 34 anos e usuário ativo de um dos maiores *sites* de rede social do mundo, o *Facebook* (FB), costumava escrever *posts* em que eram constantes relatos sobre o seu dia a dia nos Estados Unidos, para onde se mudou em 2016. A maioria de suas postagens eram escritas na mescla do que chamamos de duas línguas diferentes, nesse caso, o bengali, sua língua materna, e o inglês. Em um desses textos, o sujeito narra um encontro com uma norte-americana que declarava sua admiração pelo povo de Bangladesh, considerado por ela como trabalhador e acolhedor. Na sequência, ele faz a sua própria apreciação do encontro, agora não mais em inglês, como nas citações da norte-americana, mas sim em bengali. Em um tom irônico, “D” problematiza a qualificação que fora dada ao povo bangladeshiano e critica o comportamento adotado pelos seus compatriotas quando se mudam para os Estados Unidos. Segundo ele, ao entrarem nesse país e interagirem com “os brancos”, os bangladeshianos “viram santos”, como uma tentativa de se desvincularem de Bangladesh.

Para além do curioso emprego de recursos linguísticos dos quais não tinha conhecimento quando me deparei com esse *post*, me chamou atenção também os

efeitos de sentido da perceptível imbricação de línguas, o que me levou a questionar para onde tais recursos apontavam e o que eles podiam significar dentro de uma configuração espaço-temporal mais ampla de relações de poder.

Essa breve narrativa de uma postagem de um sujeito migrante serve como ponto de partida para problematizar uma questão importante na investigação sobre encontros multilíngues na internet (Leppänen; Peuronen, 2012): aqueles que voltam seus olhares unicamente para o “como” e o “porquê” do uso daquelas duas línguas nos *posts* de “D” podem deixar escapar as diferentes relações identitárias negociadas a partir dos recursos semióticos que ele e seus “amigos” empregam. Daí a necessidade de uma perspectiva outra.

Como uma maneira de extrapolar o mero levantamento e análise quantitativa das línguas nas redes sociais, este texto parte do conceito de translinguagem, que tem sido compreendida tanto como uma pedagogia e prática bi/multilíngue quanto como uma abordagem teórica para o estudo da linguagem que traz em seu bojo o interesse pela hibridação e mobilidade de recursos comunicativos (dentre eles, a língua) (Blackledge; Creese, 2017). Para o recorte realizado neste artigo, me apoio no sentido de translinguagem como uma perspectiva de estudo de práticas multilíngues com o potencial de não só operar uma inovação temática e epistemológica nos estudos da linguagem (Tomaselli; Lucena, 2017), como também de levar a uma mudança de foco da noção de língua como um sistema homogêneo fixo no tempo e espaço (Blommaert, 2010) para o de língua em movimento.

Com a possibilidade de tal deslocamento, uma série de investigações tem se dedicado a desenvolver ferramentas conceituais “trans” (Jacquemet, 2005; Pennycook, 2006; Blommaert, 2010; Canagarajah, 2013; García; Li, 2014; Dovchin; Pennycook, Sultana, 2018). Uma dessas propostas tem sido descrita como “escalas”, uma metáfora usada para compreender as práticas comunicativas como negociadas em diferentes camadas de interação. Para essa linha de investigação, ter acesso a e/ou controlar recursos semióticos diversos é uma questão escalar que envolve relações de poder desiguais entre os sujeitos. Tal conceito se torna vital para compreender os repertórios linguísticos como o de “D”, por ele ser formado por “pedaços” (Blommaert, 2010) de línguas, registros, sotaques e experiências que tanto modelam suas práticas discursivas quanto transformam as relações que ele desenvolve com outros sujeitos.

Face ao exposto, este texto tem como objetivo trazer à tona o papel dessa distribuição desigual de recursos comunicativos nas práticas identitárias de sujeitos multilíngues no *Facebook*. Para isso, inicio com uma discussão sobre as diversas perspectivas teóricas dos conceitos de tempo, espaço e escala, relacionando-os à ideia de cronotopo e de identidade multilíngue como uma posição discursivamente negociada. Na sequência, parto de dados de uma pesquisa netnográfica para ilustrar como as noções de translanguagem, identidade e escala estão interconectadas e podem colaborar para uma melhor compreensão das práticas de linguagem contemporâneas. Por fim, este texto argumenta a favor de uma atenção maior à concepção de contexto que tem orientado as pesquisas sobre a linguagem, no intuito de se oferecer um tratamento mais adequado dos repertórios que os sujeitos mobilizam em configurações espaço-temporais específicas.

2. IDENTIDADES NO ESPAÇO-TEMPO DAS PRÁTICAS TRANSLÍNGUES

Contemporaneamente, tem-se discutido uma “virada espacial” (Certeau, 1984; Lefebvre, 1991) nos estudos da linguagem, isto é, um conjunto de reflexões que desafiam a ideia de espaço como um contêiner para a linguagem ao advogar o seu estudo como parte essencial de nossas práticas sociais (Higgins, 2017). Tais propostas, ao questionarem a noção estática de espaço, colocam em voga a necessidade de considerá-lo como uma construção social que acompanha todas as nossas atividades humanas. Assim, o espaço molda e é moldado pelas práticas de linguagem dos sujeitos, impactando o manejo de suas identidades em diferentes contextos de interação.

Partindo desse entendimento, o construto “identidade” também é revisto e passa a ser compreendido, desde lentes pós-estruturalistas, como uma performance construída e negociada no discurso. Essa é a mesma orientação adotada neste texto, o qual se embasa na noção de identidade como posicionamento discursivo: um conceito relacional que não apenas emerge de e é alcançado por indivíduos em interações sociais, mas também é contestado e negociado por eles (Bucholtz; Hall, 2005). Nesse cenário, soma-se o papel da tecnologia digital que tem tornado possível a atribuição e performance de uma gama de opções identitárias, a partir das quais os sujeitos se autoposicionam e posicionam seus pares de maneira flexível, translíngue e multimodal.

O que fica evidente nesses novos estudos, portanto, é a noção de que espaço e identidade são fenômenos sociais multifacetados e construídos em diferentes camadas de discursos e relações de poder. Assim, para dar conta de explicar essa complexa dinâmica de posições discursivas, estudiosos têm se voltado para dois conceitos nas problematizações sobre globalização, migração e linguagem, quais sejam, “cronotopo” (literalmente “tempoespaço”) e “escala”.

O primeiro se fundamenta nos estudos de Bakhtin (1981) sobre a estreita relação entre tempo e espaço na caracterização do discurso no romance. O cronotopo serve como uma metáfora para descrever a inseparabilidade desses fenômenos na constituição identitária dos personagens e dos gêneros literários. O conceito aponta para a copresença de diferentes tempos e espaços no discurso (Busch, 2015) e, quando atrelado aos estudos sobre práticas translíngues, tem sido evocado como uma ferramenta para se analisar como certos atos de linguagem são regulados por configurações espaço-temporais específicas. Dessa maneira, tem-se discutido como os repertórios linguísticos de sujeitos multilíngues são manejados não apenas em relação ao que é imediatamente presente, mas negociados discursivamente levando em consideração também outros espaços e tempos nos quais os sujeitos se apoiam para construir sentido de suas práticas.

Com base em Blommaert e De Fina (2017, p. 4)¹, acredito que estudar as práticas identitárias sob uma perspectiva cronotópica nos permite “[...] evitar uma separação analítica de comportamento e contexto, que não se relaciona com as experiências das pessoas envolvidas em tais atividades”; logo, o argumento é o de que a noção de cronotopo permite o tratamento dos processos de negociação identitária como envolvidos por condições, valores e normas sociais que remontam a configurações espaço-temporais específicas. Nesse sentido, começamos a vislumbrar as identidades como cronotopicamente organizadas.

Penso, portanto, no conceito de cronotopo como imagens semiotizadas de tempo e espaço associadas a pessoas, comportamentos e recursos negociados por sujeitos a partir de suas experiências, e que servem de alicerce para orientá-los em suas

¹ É de minha responsabilidade a tradução para o português de trechos escritos em língua estrangeira.

práticas de linguagem futuras. O cronotopo, assim, nos convida a uma mudança de foco da língua para o contexto; mas, um outro tipo de contexto. Não aquele como um cenário para ação social, mas um que demanda uma concepção de tempo e espaço emaranhada em aspectos concretos da vida, isto é, de tempo e espaço como uma constelação de contextos possíveis.

Já com relação ao segundo desses conceitos, o de escala, reservo os próximos parágrafos para uma discussão mais detalhada, uma vez que esse é um dos focos deste artigo.

3. SALTANDO E FAZENDO ESCALAS

Nas últimas décadas, variados campos do conhecimento têm se dedicado a desenvolver o conceito de escala mais apropriado aos seus estudos. No entanto, essas diferentes abordagens têm chegado a definições problemáticas e, não raramente, contraditórias (Moore, 2008). Apesar de toda controvérsia, essas áreas veem na escala uma possibilidade de se discutir as relações dos sujeitos levando em conta as mais diversas configurações espaço-temporais nas quais estão envolvidos. Nos estudos de gênero, por exemplo, a divisão entre “privado” e “pessoal” versus “público” e “político” tem sido abordada como uma questão escalar. Já na geografia social, a revisão sobre o que se convencionou chamar de “nação”, “estado”, “local”, “global”, “rural” e “urbano”, por exemplo, tem sua origem no próprio tratamento desses conceitos como escalas. No campo da linguagem, mais especificamente na sociolinguística, a preocupação com o estudo sobre escala se fez evidente quando as representações espaço-temporais dos seus objetos de análise passaram a ser questionadas, ao invés de assumidas (Carr; Lempert, 2016). Nesse caso, outros olhares para “língua” permitiram enxergá-la como um recurso que possibilita ou inibe o movimento dos sujeitos por/entre diferentes escalas, trazendo deslocamentos significativos na maneira como pesquisamos.

Em contexto brasileiro, os estudos sobre escalas têm sido realizados principalmente na discussão sobre performances e performatividades em práticas discursivas (trans)locais. Silva (2020), por exemplo, através de uma etnografia da escala, articula os conceitos de materialização discursiva e de escala numa perspectiva *queer*, com o intuito de problematizar o caráter processual do trabalho pragmático e semiótico em jogo nos processos de naturalização da cis-heteronormatividade. Em Freitas e Moita Lopes (2019), a perspectiva escalar das práticas/performances

identitárias desempenha papel central na discussão dos impactos da migração em contexto brasileiro. Os autores investigam como os sujeitos coconstroem escalas, na tentativa de atribuir novos sentidos a visões estabelecidas de sociabilidade e de territorialização. Assim, embora exista uma profusão de perspectivas em torno do conceito, ou como Moore (2008) ironiza - uma variedade de perspectivas conceituais que cada vez mais são empregadas de maneira descuidada e analiticamente imprecisa -, o que se observa é que essas áreas compartilham escala não como uma categoria fixa ou como uma realidade em si mesma, mas sim como construída, fluida e contingente.

Nessa linha de raciocínio, Carr e Lempert (2016) criticam o fato de que ainda há estudos que se fundamentam na relação dicotômica de categorias como “micro”, “macro”, “língua” e “dialeto”, por exemplo (como se elas mesmas não fossem o produto de nossas próprias interpretações e classificações das práticas de linguagem), ao invés de se orientarem pelo questionamento de como as escalas são forjadas em práticas discursivas. Como alternativa, os autores propõem prestarmos atenção nos efeitos de sentido a partir dos quais os sujeitos escalam os seus mundos. Em outras palavras, o que eles buscam é investigar “[...] como escala é prática e processo antes de ser produto” (Carr; Lempert, 2016, p. 9). Assim, os autores acreditam que através da tentativa de “[...] explorar como as fronteiras entre os eventos e as relações sociais são forjadas, imaginadas e categorizadas pelos atores sociais através de suas práticas discursivas, nós podemos fazer sentido do processo escalar com mais clareza [...]”. (Carr; Lempert, 2016, p. 9)

Assumindo uma perspectiva pragmática, Carr e Lempert (2016) focam nas circunstâncias sociais e nas consequências dos processos de escalabilidade (produção/negociação de escalas) (Gonzales; Moita Lopes, 2018) como uma forma de prática social. Mas, para isso, esses autores reconhecem que, primeiro, é essencial investigar como os próprios sujeitos compreendem o mundo e quais metáforas escalares eles utilizam para isso. Carr e Lempert (2016) defendem, então, o estudo das práticas sociais a partir do interesse em como as escalas são organizadas, feitas reconhecíveis e estabilizadas em várias comunidades de prática. Dito de outro modo, agora me apoiando em Moore (2008), se defende que a abordagem das escalas mais como discurso e conjunto de práticas institucionais e variavelmente poderosas do que como coisas concretas no mundo nos impele a levar em consideração não só os processos através dos quais configurações escalares específicas se solidificam na

consciência e no mundo material, mas também os efeitos que esses processos têm nas relações sociais. Logo, o que se espera é pesquisar como as escalas moldam a vida social e não as tomar como ponto de partida para investigação e análise.

A perspectiva adotada por Carr e Lempert (2016) retoma e expande de maneira significativa o conceito de escala como uma categoria de prática proposta tanto por Moore (2008) como por Canagarajah e De Costa (2016). Para esses últimos, as escalas deveriam ser pensadas numa ordem epistemológica, ao invés de entidades concretas, isto é, as escalas deveriam ser vistas como negociadas e coconstruídas com os sujeitos. A partir dessa orientação, no lugar de entender escalas como categorias preexistentes, poderíamos vislumbrá-las como conceitos que colaboram para a compreensão que os sujeitos têm de suas práticas. Portanto, Canagarajah e De Costa (2016) defendem a interpretação de escalas como uma forma de entender nossos atos sociais.

Com isso, os autores supracitados veem os sujeitos, como *scale makers*, isto é, produtores de escalas e como efeitos de diversos processos socioespaciais. Conseqüentemente, o ponto de partida para as investigações se desloca da escala em si e por si mesma, para os processos escalares que dão base às dinâmicas e lutas sociais. Diante disso, o trabalho com escalas nos oferece caminhos para considerar as identidades e os contextos (cronotopos) como interdependentes e sobrepostos, estando o sujeito, a todo momento, se envolvendo em práticas escalares com o propósito de construir sentido de suas interações.

A proposta de escala como uma categoria de prática ao invés de categoria de análise feita por Canagarajah e De Costa (2016) se embasa na crítica que fazem aos trabalhos iniciais de Blommaert (2008; 2010), que segundo os autores se orientava por uma perspectiva de escala como fenômeno pré-definido e universal.

Sobre isso, é válido pontuar que, na tentativa de problematizar a estratificação das práticas de linguagem considerando sua dimensão espaço-temporal, Blommaert (2007; 2010) dividiu as escalas sociolinguísticas da seguinte forma:

Escalas inferiores	Escalas superiores
Local, situado	Translocal, difundido
Pessoal, individual	Impessoal, coletivo
Subjetivo	Objetivo
Específico	Geral, categórico
Individual	Papel social, estereótipo
Diversidade, variação	Uniformidade, homogeneidade

Quadro 1: Escalas sociolinguísticas
Fonte: adaptado de Blommaert (2007; 2010).

Para Blommaert (2007; 2010), essas escalas são produzidas a todo o instante em nossas práticas discursivas a partir, por exemplo, do simples uso gramatical e estilístico. Para esse autor ainda, a possibilidade de “saltar”, isto é, de se movimentar por entre diferentes escalas (do local para o translocal, do pessoal para o coletivo, por exemplo), está condicionada ao poder atribuído a determinados grupos, já que “[...] [o] salto escalar depende do acesso a recursos discursivos que indexam e iconizam níveis escalares específicos, sendo tal acesso objeto de desigualdade [...]”. (Blommaert, 2007, p. 7)

Segundo Canagarajah e De Costa (2016), o estudo de Blommaert (2008) sobre o uso de variedades africanas de língua inglesa por imigrantes trata tais recursos como pertencentes a uma escala inferior em termos de espaço (relevância) e tempo (não apresentam capital social ao longo do tempo), ao passo que confere às variedades não-africanas níveis sempre mais altos nessas mesmas escalas. Para Canagarajah e De Costa (2016, p. 7), assim

[...] há pouco espaço para se considerar a possibilidade de essas normas serem escaladas diferentemente de acordo com a maneira como as interações são compreendidas pelos participantes em interações situadas. Portanto, as normas desses espaços/escalas foram adotadas de forma um tanto determinista. As normas desses imigrantes e de comunidades menos desenvolvidas eram sempre impotentes [...].

Isso ocorreu, ainda segundo esses autores, pois “[...] as escalas foram tratadas como uma categoria de análise [...], sem a perspectiva de se considerar as maneiras a partir das quais as pessoas as construíam e negociavam para fazer sentido de suas relações e interações” (Canagarajah; De Costa, 2016, p. 7). Porém, embora os estudos iniciais de Blommaert tenham sido foco de crítica por Canagarajah e De Costa (2016), não se pode ignorar as contribuições dessas reflexões para o estado atual de pesquisas sobre escalas e sua relação com a realidade sociolinguística das práticas de linguagem.

Blommaert (2007; 2010), influenciado pelos estudos sobre *World-Systems Analysis* (Wallerstein, 2000), pensava as escalas como uma metáfora para compreender a multiplicidade de planos da interação humana. Essa metáfora, segundo o autor, sugere uma concepção de tempo e espaço como uma forma de ação social, uma vez que pessoas com diferentes recursos linguísticos, por exemplo, ao se moverem por e entre diferentes espaços podem experimentar valorações também diferentes. Assim, para Blommaert (2007, p. 2):

[...] [s]ujeitos multilíngues e articulados podem se tornar inarticulados e ‘sem línguas’ ao se moverem de um espaço em que seus recursos linguísticos são valorizados e reconhecidos para outro em que eles não são vistos como úteis e compreensíveis [...].

Nesse sentido, o autor defendia a necessidade de se interpretar a ação humana como policêntrica e estratificada, onde os sujeitos se posicionavam de acordo com “normas”, ou em suas palavras, em ordens de indexicalidade.

Outro conceito importante nessa problematização é o de “policentrismo”, que para Blommaert (2010) seria uma das chaves para se compreender os regimes interacionais em espaços-tempos globalizados. Segundo o autor, apesar de muitos eventos comunicativos parecerem estáveis, múltiplas normas que servem para orientar os sujeitos estão em competição. A essa multiplicidade foi dado o nome de policentrismo, que sugere que determinadas práticas, mesmo ocorrendo um nível escalar específico, podem também afetar outros níveis. As práticas de linguagem se movem por entre essas escalas do nível micro ao macroscópico, com cada nível

operando em uma ordem de indexicalidade. Dito de outro modo, as normas válidas em uma escala podem ser diferentes daquelas que operam dentro de outra.

Por fim, Blommaert (2010, p. 41) nos explica que

[a]mbos os conceitos, 'ordem de indexicalidade' e 'policentrismo', sugerem, então, um mundo menos inocente da variação e diversidade linguística, social e cultural, um mundo em que a diferença é rapidamente transformada em desigualdade, e no qual padrões complexos de comportamento [...] ocorrem. Eles permitem também nos mover para além das unidades sociolinguísticas habituais – comunidades de fala homogêneas – e considerar situações nas quais vários sistemas sociolinguísticos entram em cena, assim como pessoas que migram no contexto da globalização, ou quando no mesmo contexto mensagens começam a se mover através de espaços maiores. Nesses casos, as pessoas não só se movem por entre espaços [...], nós percebemos que elas se movem por diferentes ordens de indexicalidade [...].

Nesse sentido, coadunando com Blommaert (2010), concebo os posicionamentos como efeitos escalares, isto é, as práticas discursivas dos sujeitos dependem do acesso a ou da falta de recursos semióticos que permitem a distinção do que é “bom”, “ruim”, “aceitável”, “normal”, “adequado” etc., em determinadas configurações espaço-temporais. Desse modo, devido à assimetria das relações sociais e, conseqüentemente, das práticas languageiras, Blommaert (2010) entendia as escalas como organizadas em camadas, fáceis de serem compreendidas numa visão vertical. Logo, esse autor oferece indícios de que as práticas escalares não podem ser performadas por todos, a toda e qualquer instância, já que são dependentes do acesso ou não a recursos discursivos que indexam identidades específicas.

Face ao discutido, é possível observar que Blommaert (2007; 2010) nos apresenta a possibilidade de que as relações de poder e a desigualdade de acesso a recursos semióticos sejam, dentre outras coisas, efeitos da prática escalar (escalabilidade), isto é, da capacidade de recorrer a escalas particulares para a interpretação ou até mesmo validação dos atos sociais. Assim, compreendo que Blommaert (2010) já vislumbrava a possibilidade de essas mesmas escalas serem também performadas, e não fixas no tempo e no espaço, como criticaram Canagarajah e De Costa (2016).

Tal perspectiva também é seguida por Karimzad (2020), para o qual a disponibilidade e acesso a recursos semióticos dependem, em grande medida, das histórias cronotópicas dos sujeitos, isto é, das imagens escalares que eles desenvolvem

a partir de seus processos de socialização em diferentes configurações espaço-temporais. O autor ilustra sua defesa com dados de práticas translíngues de imigrantes iranianos nos Estados Unidos, discutindo que a “escolha” de línguas em determinados contextos acompanha a trajetória de vida desses sujeitos e suas experiências com grupos e espaços específicos. Com isso, Karimzad observa que a escolha dos recursos nunca é um ato individual, mas intersubjetivamente negociada e solidificada em normas de uso da linguagem que operam em diferentes níveis escalares (do privado ao público, do local ao global etc.). Logo, as práticas translíngues são o resultado de interações entre pessoas e escalas que influenciam o que é relevante em determinados contextos.

Diante do exposto, é possível perceber que a metáfora da escala tem sido uma importante (mas contestável) abordagem para a discussão das práticas comunicativas na contemporaneidade. Ela sugere que o que os sujeitos fazem com a linguagem é moldado pelas relações de poder, hierarquias e *status* em diferentes níveis escalares. Dito de outro modo, essas reflexões têm como objetivo contribuir para um estudo que leve em conta como tais relações impactam e são impactadas pelo uso e o (des)prestígio de recursos semióticos em configurações espaço-temporais específicas. Essas abordagens se mostram importantes por oferecerem explicações de como as práticas discursivas podem ser (des)valorizadas a partir dos movimentos entre diferentes tempos e espaços sociais. Nesse sentido, a produção e compreensão de posicionamentos identitários tem a ver com como recursos semióticos são manipulados em diferentes contextos. Essa perspectiva nos permite enxergar contexto e identidade como fenômenos interdependentes, estratificados e, simultaneamente, local e translocal, estando sempre em desenvolvimento, uma vez que, como observam Gonzales e Moita Lopes (2018), somos “seres de contexto”.

Feitas as considerações teóricas que embasam o estudo aqui proposto, me encaminho para uma ilustração de como os conceitos de escalas, cronotopo e práticas translíngues podem ser produtivos para a análise de posicionamentos identitários em *sites* de redes sociais. Para isso, me embasarei em discussões desenvolvidas a partir de um estudo netnográfico, isto é, de uma “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” (Kozinets, 2014, p. 61-62) que lança mão de instrumentos de geração de dados também online. Da pesquisa em questão, foram utilizados dados da análise de *posts* de *Facebook* e da aplicação de questionários com um dos quatro sujeitos multilíngues que participaram da investigação. O foco neste artigo, como já

antecipado, será as problematizações de práticas identitárias de “D”, sujeito com o qual abri este texto.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE: NEGOCIAÇÃO ESCALAR, PRÁTICAS TRANSLÍNGUES E QUANDO O PODER NÃO É PARA TODOS/AS

TEXTO DO FACEBOOK ²
<p>March 6 · 🌐</p> <p>DEAR ALL :</p> <p>এ সপ্তাহে ১৪ ঘণ্টা লেকচার দিতে হবে বাংলাদেশের সংস্কৃতি, ইতিহাস, রাজনীতি, মানবাধিকার পরিস্থিতি, মাইনোরিটি সম্প্রদায়ের অবস্থা, দারিদ্র, বন্যা ও দুর্ভিক্ষ, এবং LGBTQ দের সামাজিক স্ট্যাটাস নিয়ে. শ্রোতা হিসেবে থাকবেন আমেরিকার প্রফেসরবৃন্দ, ছাত্ররা, এনজিও কর্মীরা, UNESCO র কর্মকর্তাবৃন্দ এবং LGBTQ সম্প্রদায়ের লোকজনেরা.</p> <p>আমি প্রস্তুত. শুধু একটা জিনিসের অভাব বোধ করছি. একটা ভালো শর্ট ফিল্ম যেটা একটু বিনোদনের ব্যবস্থা করবে. ইংলিশ সাব টাইটেল যুক্ত একটা ভালো বাংলা শর্ট ফিল্ম রিকমেন্ড করেন. সাউথ এশিয়ার মধ্যে হলেও হবে.</p> <p>ধন্যবাদ!</p> <p>See Translation</p> <p>👍❤️ 45 11 Comments</p>
COMENTÁRIOS
<p>Are you sure the post is for ALL? I think it's for those who understand your language. Like · Reply · 19w</p> <p>Ede ko ni idena bayi! Bawo ni o se wa? Like · Reply · 19w</p> <p>I don't understand what you wrote o. Like · Reply · 19w</p>

² Foi usado o recurso de *print* de tela para apresentar a publicação tal como ela aparece na rede social. Na sequência, ofereço a tradução do texto em português. Esclareço que, inicialmente, o texto foi traduzido para o inglês pelo próprio sujeito, uma vez que nem o bengali e nem o iorubá usados na seção de comentários eram de meu conhecimento.

Figura 1 – “Tem certeza de que o *post* é para TODOS/AS?”
Fonte: elaborado pelo autor

TRADUÇÃO
<p>“D”: QUERIDOS/AS TODOS/AS: Esta semana será muito louca porque tenho que dar várias palestras sobre a cultura, história, política, direitos humanos, minorias, pobreza, alagamento e a condição social da comunidade LGBTQ em Bangladesh. Meu público será professores, alunos, assistentes sociais, alguns secretários da UNESCO e alguns membros do clube LGBTQ da universidade. Embora seja desafiador, eu estou pronto. Mas acho que preciso de uma representação visual da minha cultura. E um curta-metragem pode ser uma boa forma de representar a minha cultura. Por favor, me recomendem algum filme que representa a cultura e os valores de Bangladesh. Qualquer filme sul asiático será ok também. Obrigado!</p>
COMENTÁRIOS
<p>“SUJEITO 1”: Tem certeza de que o <i>post</i> é para TODOS/AS? Eu acho que é para aqueles que entendem a sua língua.</p> <p>“D”: Querida: A língua já não é uma barreira agora! Como está?</p> <p>“SUJEITO 1”: Eu não entendi o que você escreveu.</p>

Quadro 2 – Tradução
Fonte: elaborado pelo autor

O *post* em questão se relaciona com um dos temas mais recorrentes nas publicações de “D” em seu FB: sua vida acadêmica nos Estados Unidos. Assim como no *post* narrado na abertura deste artigo, esse é produzido numa prática translíngua de mescla do que conhecemos como bengali e língua inglesa. Nele, “D” anuncia uma apresentação que faria sobre o seu país e faz um convite para que seus “amigos” fizessem sugestões de mídias que representassem “os valores e a cultura de Bangladesh”. Embora o teor desse *post* traga elementos importantes para a discussão sobre questões identitárias, o foco da análise a ser desenvolvida na sequência se centra na seção de comentários, em que há um produtivo embate discursivo entre “D” e “Sujeito 1”.

O primeiro comentário questiona se o *post* escrito, de fato, seria para “TODOS/AS”. Para essa participante (uma mulher nigeriana que também morava nos Estados Unidos), “D” enunciou apenas para aqueles que compreendiam a sua língua, o que, conseqüentemente, excluía os demais “amigos” conectados a sua rede. Entendo que o comentário da participante se relaciona ao fato de o *post* ser iniciado pelo item

lexical em língua inglesa “DEAR ALL” (QUERIDOS/AS TODOS/AS), o que deve ter criado a expectativa de que mais informações também seriam dadas nessa língua.

Ao observarmos o posicionamento de “Sujeito 1” e a réplica de “D” ao seu comentário: “A língua já não é uma barreira”, podemos compreender que o que está em jogo é uma negociação escalar com base em comportamentos reconhecíveis e em atos performativos negociados em configurações espaço-temporais específicas. Dito de outra forma, a disputa enunciativa envolve a percepção de que, em espaços translíngues (LI, 2011), isto é, em espaços socialmente criados para que os sujeitos empreguem todo o seu repertório linguístico, nem todo recurso trazido para a interação pode ser usado livremente. Nesse sentido, o que conta como apropriado, de *status* elevado ou como recurso inferior é mediado por posicionamentos valorativos situados, ligados à historicidade e aos efeitos performativos dos signos.

Retomando o já dito, o que está em disputa é o posicionamento frente a uma noção de quem pode (ou deve) usar a língua inglesa no FB. Nos enunciados de “Sujeito 1”, por exemplo, o que está implícito é que essa língua indexaria coletividade, impessoalidade, homogeneidade e translocalidade, isto é, o uso do inglês atingiria um público maior e faria com que mais pessoas pudessem participar da negociação de sentido. Por outro lado, o posicionamento de “D” frente a uma possível imposição escalar (a de ter que usar o inglês) se embasa na noção de diversidade, da localidade das práticas, da subjetividade e está atrelado ao propósito pessoal mirando a coletividade.

Segundo Blommaert (2007), o inglês operaria no nível escalar superior (translocal) da comunicação, sendo semiotizado como o emblema da mobilidade internacional, sucesso e prosperidade. Para esse autor, a escolha linguística a favor do inglês seria, frequentemente, motivada pelo desejo de “sair daqui” e de se engajar em contextos comunicativos mais amplos. No entanto, o que me parece é que a atividade em questão pode ser mais bem explicada a partir da afirmação de Canagarajah e De Costa (2016, p. 8) de que “[...] a própria definição de escala translocal como sendo apenas inglês ou multilíngue varia, por essa ser negociada intersubjetivamente em diferentes contextos [...]”. Portanto, o que se percebe é que a escala é uma questão de perspectiva que orienta os sujeitos a agirem de acordo com seus objetivos comunicativos (Carr; Lempert, 2016).

O posicionamento assumido por “Sujeito 1”, nesses termos, se embasa em sua própria avaliação de práticas de linguagem que seriam “apropriadas” ao FB, que situam, discursivamente, pessoas e ações em certos contextos prototípicos, ligados ao que Karimzad (2020) chama de “imagens idealizadas de escalas superiores” de língua e identidade. Em contrapartida, o posicionamento de “D” nos revela a tentativa de negociação de normas outras, ou pelo menos, o desejo dessa construção. “D” nos convida a pensar também que sujeitos que translinguam adotam um posicionamento diferente na e para a comunicação, isto é, buscam se comunicar levando em consideração diferentes normas, indo além do compartilhamento de línguas e identidades. Com isso, aqueles que insistem em suas próprias normas “translocais” tendem a indexar “etnocentrismo” (Canagarajah, 2013). Na prática translíngue em questão, notamos a tentativa de “D” de “saltar” escalas, relegando a imposição de normas (o uso do inglês no FB) a uma escala inferior (local) e não como correspondendo a uma escala translocal, conforme defendido por Blommaert (2007).

Em ambos os casos, o que se pode deduzir, portanto, é que os sujeitos estabelecem ou negociam suas escalas com base na percepção que têm das normas que deve(ria)m orientar as suas práticas de linguagem, isto é, com base nas práticas cronotópicas que experienciaram em diferentes performances, textos e discursos. Ao invés de as escalas serem tomadas como prenes de sentidos e valores, elas são compreendidas como resultados de práticas locais específicas. Nas palavras de Freitas e Moita Lopes (2019, p. 159), assim, “[...] houve outros textos e outros significados em movimento que viajaram para esta narrativa e foram entextualizados nesse espaço-evento em um novo processo de contextualização [...]”.

Ainda sobre a percepção que sujeitos multilíngues teriam sobre escalas translocais, Canagarajah (2016, p. 52) nos diz que:

[...] [e]sse nível escalar acomoda normas linguísticas diversas. É, nesse sentido, translocal: isto é, transcende as normas de locais específicos. Assim, a interpretação dos valores associados à escala translocal é diferente daquele de homogeneidade [...].

Tal posicionamento foi reforçado por “D” em um dos questionários respondidos, em que quando questionado sobre o porquê de se mover entre diferentes recursos linguísticos na e para a comunicação, ele pontua:

*[a prática] esclarece muitos problemas, **acrescenta diversidade**, conecta os públicos e deixa as outras pessoas*

curiosas. Ela também traz um pouco de diversão no contexto.
(Questionário, grifos meus).

Percebe-se, então, que a escala da diversidade é tratada não como prática meramente local ou individual, mas sim como um recurso para conectar sujeitos de e entre diferentes configurações espaço-temporais. “D” performa, assim, o que Canagarajah (2013) denomina de “prática de letramento negociada”. Para esse autor, uma orientação adequada para as práticas de linguagem de sujeitos que translinguam seria uma em que o texto é concebido como negociado e coconstruído num tempo e espaço específico, com oportunidades para os leitores moldarem seus sentidos e forma, se configurando, assim, como um texto performado ao invés de pré-construído. Com efeito, essas práticas representam o próprio ato translíngue: desenvolver a “sinergia” para se negociar textos híbridos a partir de diferentes semioses (Canagarajah, 2013).

Sobre esse ponto, é válido retomar ainda as reflexões de Canagarajah (2016) quando nos alerta que se valer de determinadas escalas com base em interesses próprios demanda um cuidadoso processo de negociação, ou seja, é um empreendimento de risco e de resultados imprevisíveis, uma vez que não há garantia de que tais escalas sejam aceitas por todos. Essa afirmação pode ser ilustrada pela insistência de ambos os sujeitos em negociar suas próprias escalas: “D” ao não usar o inglês em suas réplicas, e “Sujeito 1” ao continuar solicitando esclarecimentos sobre o *post* naquela língua.

O que se infere, com isso, é que os próprios multilíngues podem lançar mão do direito de impor suas próprias normas (ou ordens de indexicalidade), nos levando a reforçar a percepção do espaço translíngue não como neutro ou democrático. Pelo contrário, nessa configuração espaço-temporal, os sujeitos têm consciência de que seus recursos semióticos indexam diferentes valores e normas. Portanto, pode ser sugerido que o exercício de poder é resistido e realizado por ambas as partes. Nesse cenário, acredito que revisitar a discussão que Bakhtin propõe sobre tensão e poder, a partir dos conceitos de “forças centrípetas” e “forças centrífugas” possa nos ajudar a compreender os desdobramentos dessa negociação.

Uma das defesas de Bakhtin (1981) era a de que a linguagem é marcada por tensões sociais. Central para essa discussão é a noção de que os enunciados se constituem na relação entre duas forças: as forças centrípetas direcionavam os

enunciados à centralização e homogeneização linguística, e as centrífugas os atraíam para a heteroglossia inerente às práticas de linguagem, isto é, para a sua diversidade constitutiva. Assim, Bakhtin nos indica que para compreender a linguagem, precisamos estar atentos às pressões sociais que atuam no processo de interação, uma vez que os enunciados são marcados não só pela fluidez, mas também por forças que buscam uniformidade e fixidez. Desse modo, é importante pontuar que a tensão existente entre forças centrípetas e centrífugas se faz presente dentro de cada sujeito; dessa maneira, tais forças devem ser encaradas não como antagônicas, mas como complementares e formadoras de todos os enunciados.

Fiorin (2016, p. 36) nos diz que a partir desses conceitos, “[...] Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder”, e continua ao afirmar que “[...] [n]ão há neutralidade no jogo das vozes. Ao contrário, ele tem uma dimensão política, já que as vozes não circulam fora do exercício do poder: não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer [...]”. Nesse panorama, o que se observa é que os efeitos de sentido produzidos na negociação escalar entre “D” e “Sujeito 1” são resultados também da tensão entre forças que se movem em direção à homogeneização e uniformização linguística (forças centrípetas) e forças que marcam a diversidade das práticas translíngues (forças centrífugas).

Dessa forma, integrando a defesa de Blommaert (2010), observo que as escalas ampliam as noções de forças centrípetas e centrífugas, por nos ajudarem a compreender como os atos sociais se organizam em níveis ou dimensões através dos quais formas particulares de normatividade e de uso da linguagem se organizam. Nesses termos, é possível pensar, portanto, que o espaço-tempo do *post* do FB, ou seu cronotopo, não é um fato dado na interação; ao invés disso, é mais produtivo reconhecer que os sentidos dos e sobre os espaços virtuais são continuamente negociados. Tal negociação, assim, fundamenta, discursivamente, a (re)criação de opções ou posicionamentos identitários. A negociação escalar, portanto, é uma importante caracterização do caráter transformativo (García; Li, 2014) das práticas translíngues, uma vez que gera novas identidades, valores e práticas.

Diante do que foi discutido através da articulação dos conceitos de cronotopo e escala, foi possível ilustrar de que modos diferentes recursos colaboram para a prática identitária em configurações espaço-temporais particulares. O cronotopo bakhtiniano nos lembra que as escalas espaço-temporais devem ser compreendidas como

conectadas e interrelacionadas. Consequentemente, as escalas nos permitem tratar contexto também como relacional: o que é relevante em um contexto para um sujeito pode não ser para outro. Isso significa dizer que as relações espaço-temporais precisam ser negociadas, de modo que possam ser relevantes para o entendimento de determinadas práticas de linguagem. Nessa perspectiva, é possível sugerir que diferentes recursos (língua, discurso, ideologia etc.) conduzem a distintas noções escalares, estando essas sempre suscetíveis à negociação e a disputas de poder.

5. CONCLUSÃO

Neste artigo, problematizei a necessidade de novas ferramentas teórico-metodológicas para a investigação do uso da linguagem em tempos de mobilidade. Buscando dar conta desse complexo cenário sociolinguístico, me embasei da noção de escala, uma metáfora conceitual que tem se tornado tópico de interesse de estudos sobre a relação entre linguagem e sociedade, permitindo aos pesquisadores revisitar o papel do contexto nas práticas comunicativas contemporâneas. Além disso, confrontei tal conceito com noções bakhtinianas como uma alternativa para se compreender de que maneiras sujeitos multilíngues evocam recursos de diferentes configurações espaço-temporais para se orientarem em eventos comunicativos específicos. A partir da imbricação desses estudos, foi possível também discutir como recursos semióticos são negociados em práticas de linguagem online, resultando em diferentes relações entre os sujeitos. Nesse cenário, debates sobre poder e normatividade se fizeram presentes na tentativa de analisar posicionamentos identitários em disputa num *post* do *Facebook*.

Com base no exposto, defendo que uma abordagem de estudo da linguagem que ressalte as práticas espaciais e as analise dentro de suas configurações cronotópicas específicas é vital para o entendimento das práticas discursivas de sujeitos multilíngues na contemporaneidade. Desse modo, chamo a atenção para a importância do desenvolvimento de mais estudos que investiguem a complexa relação entre língua, tempo e espaço, inclusive o seu impacto na pedagogia de línguas que, por motivos de escopo, não foi aqui discutida. Assim, munidos dessas alternativas teórico-metodológicas, espero que nós, pesquisadores da linguagem, consigamos atender,

satisfatoriamente, às demandas de um mundo cada vez mais globalizado e, conseqüentemente, mais conectado e multilíngue.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **The dialogic imagination**: four essays by M. M. Bakhtin. Trad.: Michael Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin, TX: Texas University Press, 1981.
- BLACKLEDGE, Adrian; CREESE, Angela. Translanguaging in mobility. In: CANAGARAJAH, Suresh (org.). **The Routledge Handbook of Migration and Language**. London/ New York: Routledge, 2017, p. 31-46.
- BLOMMAERT, Jan. Sociolinguistic scales. **Intercultural Pragmatics**, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2007.
- BLOMMAERT, Jan. **Grassroots literacy**: writing, identity and voice in Central Africa. London: Routledge, 2008.
- BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BLOMMAERT, Jan; DE FINA, Anna. Chronotopic identities: on the timespace organization of who we are. In: DE FINA, A.; IKIZOGLU, D.; WEGNER, J. (org.). **Diversity and Super-Diversity**: Sociocultural Linguistic Perspectives. Washington: Georgetown University Press, 2017, p. 1-15.
- BUCHOLTZ, Mary.; HALL, Kira. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, v. 7, n. 4-5, p. 585-614, 2005.
- BUSCH, Brigitta. Expanding the notion of the linguistic repertoire: on the concept of *Spracherleben*—The lived experience of language. **Applied Linguistics**, v. 38, n. 3, p. 340-358, 2015.
- CANAGARAJAH, Suresh. **Translingual Practice**: global Englishes and cosmopolitan relations. New York: Routledge, 2013.
- CANAGARAJAH, Suresh. Shuttling between scales in the workplace: reexamining policies and pedagogies for migrant professionals. **Linguistics and Education**, v. 34, p. 47-57, 2016.
- CANAGARAJAH, Suresh; DE COSTA, Peter. Introduction: scales analysis, and its use and prospects in educational linguistics. **Linguistics and Education**, v. 34, p. 1-10, 2016.
- CARR, Summerson; LEMPert, Michael. **Scale**: discourse and dimensions of social life. Berkeley, CA: University of California Press, 2016.
- CERTEAU, Michel De. **The practice of everyday life**. Tradução de S. Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

DOVCHIN, Sender; PENNYCOOK, Alastair; SULTANA, Shaila. **Popular culture, voice and linguistic diversity: young adults on- and offline**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 19, n. 1, p. 147-172, 2019.

GARCÍA, Ofelia; LI, Wei. **Translanguaging: language, bilingualism, and education**. New York: Palgrave MacMillan, 2014.

GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Reflexividade metapragmática sobre o cinema de Almodóvar numa interação online: indexicalidade, escalas e entextualização. **Trab. Ling. Aplic.**, v. 57, n. 2, p. 1102-1136, 2018.

HIGGINS, Christina. Space, place, and language. In: CANAGARAJAH, Suresh (org.). **The Routledge Handbook of Migration and Language**. London/ New York: Routledge, 2017, p. 102-116.

JACQUEMET, Marco. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language and Communication**, v.25, p. 257-277, 2005.

KARIMZAD, Farzad. Multilingualism, chronotopes, and resolutions: towards an analysis of the total linguistic fact. **Tilburg Papers in Cultural Studies**, p. 1-19, 2020.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Tradução de D. Nicholson-Smith. Oxford: Blackwell, 1991.

LEPPÄNEN, Sirpa; PEURONEN, Saija. Multilingualism on the internet. In: JONES, Marilyn Martin; BLACKLEDGE, Adrian; CREESE, Angela. **The handbook of multilingualism**. New York: Routledge, 2012, p. 384-402.

LI, Wei. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. **Journal of Pragmatics**, v. 43, p. 1222-1235, 2011.

MOORE, Adam. Rethinking scale as a geographical category: from analysis to practice. **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 2, p. 203-225, 2008.

PENNYCOOK, Alastair. **Global Englishes and transcultural flows**. London, New York: Routledge, 2006.

SILVA, Danilo da Conceição Pereira. Materialização discursiva da cis-heteronormatividade em perspectiva escalar: contribuições para a linguística queer. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 280-306, 2020.

TOMASELLI, Claudia Kuns; LUCENA, Maria Inêz Probst . Inovação temática e epistemológica: propostas e desafios para a pesquisa em linguística aplicada do século XXI. **Línguas & Letras** (ONLINE), v. 18, p. 04-19, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The essential Wallerstein**. New York: The New Press, 2000.

Diogo Oliveira do ESPÍRITO SANTO

Graduado em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica-Inglês pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Aquisição, Ensino e aprendizagem de Línguas e doutor em Linguística Aplicada, ambas linhas do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. É professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, atuando no Curso de Letras do Centro de Formação de Professores. É líder do Grupo de Pesquisa em Estudos de Língua Inglesa (GPELI), orientando trabalhos na linha de Linguagem, Identidade e Tecnologia. Suas pesquisas têm como foco o estudo de práticas translíngues em redes sociais, posicionamentos identitários, pesquisa narrativa e perspectivas interculturais e críticas na formação de professores.

Recebido em 25/janeiro/2023.

Aceito em 10/setembro/2023.